

O GRAU ZERO DA HERMENÊUTICA
 PLATÔNICA. VEGETTI, Mario. Um
 Paradigma no Céu: Platão
 político, de Aristóteles ao
 século XX Coleção Archai n. 4.
 São Paulo: Annablume, 2010, 286
 p. ISBN 978-85-391-0153-5

Resenha de
 Thiago Rodrigo de Oliveira Costa*
 Gabriele Cornelli**

* Mestrando pela Universidade de Brasília em *História da Filosofia Antiga e Medieval*, membro da Cadeira UNESCO Archai: as origens do pensamento ocidental da Universidade de Brasília, orientando do professor Gabriele Cornelli, coordenador da Cadeira UNESCO Archai, e membro do grupo *Epistèria* da Universidade de Brasília.

** Coordenador da Cadeira UNESCO Archai: as origens do pensamento ocidental da Universidade de Brasília; Docente e Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Filosofia da mesma Universidade; Secretário da Sociedade Brasileira de Platonistas e Presidente Eleito da International Plato Society.

1. Expressão com a qual Vegetti reúne uma série de discursos de caráter político na obra de Platão.

2. Vegetti ao se referir aos discursos dos comentadores de Platão, em particular daqueles que comentaram os aspectos políticos da obra de Platão, usará a expressão 'paradigma' para se referir ao horizonte a partir do qual os comentadores assimilam o discurso platônico de uma determinada maneira. Por exemplo, o paradigma de Kant é seu idealismo que atua na constituição da sua leitura de Platão (Ver VEGETTI, 2010, p. 67-73).

Com esta obra madura de um dos maiores comentadores de Platão, Mario Vegetti, o acervo da literatura sobre a interpretação platônica em língua portuguesa ganha uma pedra fundamental de comparação e um alento novo. Mario Vegetti, organizador de um monumental comentário da República, publicado em sete volumes pela editora Bibliopolis (1996- 2007) e autor da já celebre *L'etica degli antichi* (Bari, Laterza, 1989), entre outras obras de referência, dedica-se na presente obra, traduzida e publicada na Coleção Archai, à história da interpretação do Platão político "de Aristóteles até os nossos dias". Com uma calma apresentação dos argumentos e um ritmo delicadamente marcado, o "*Platão político*"¹ de Mario Vegetti (p. 25-42) emerge em meio a uma pluralidade de paradigmas² que de uma maneira ou de outra estabelecem uma relação com o discurso de Platão. Esta relação se constitui no interior de um *tópos* determinado do texto platônico e a partir de uma posição particular do leitor em relação ao *tópos* daquele texto. A conjugação do *tópos* e da posição do leitor em relação ao mesmo determinará uma perspectiva, e é a partir desta perspectiva, no interior de um dado paradigma do leitor, que se produzirá uma

imagem, leitura ou tradução de Platão, ou no presente caso, do *Platão político*.

O problema que opera como “pano de fundo” no livro de Vegetti é aquele de como estabelecer uma relação com o texto platônico que não possa ser reduzida à imagem do texto que a própria relação produz. Em outras palavras, é possível ler Platão? No confronto com este problema Vegetti teve de enfrentar a pluralidade de leituras, imagens, ou traduções de Platão e, conseqüentemente, de paradigmas a estas subjacentes.

Para Vegetti toda esta pluralidade de leituras que, na modernidade, vão do “teórico do ‘ideal’ com Kant e, ao invés, um teórico da ‘realidade substancial’ com Hegel” (p. 275) ao “Platão liberal e socialista com Grote, Pöhlmann e Natorp, bolchevique com Russell, fascista ou comunista com Crossman, nazi e racista com Hildebrandt e Günther, totalitário com Popper, democrático em certas versões americanas” (ibidem), não constituem um erro hermenêutico a ser devidamente denunciado. Todas elas de algum modo se constituíram numa relação com o próprio texto de Platão, e não poderiam ter emergido se de alguma maneira o texto de Platão não as possibilitasse. O primeiro desafio é então lidar com o horizonte virtual aberto pelo texto ele mesmo. Permanece “o fato de a fluidez das situações discursivas nas quais os traços se acham inseridos autorizar uma pluralidade de interpretações possíveis” (p. 272).

Para Vegetti é o contrário do erro, em sentido estrito, que se encontra em jogo. Toda essa pluralidade de leituras de Aristóteles aos leitores do século XX nos permite enxergar “algo” do texto primeiro, “algo” daquele texto sobre o qual o comentário se exerce. E é esse “algo”, evidenciado pelas leituras efetuadas pelos comentadores, que interessa ao hermeneuta e ao historiador; interessa não tanto pelo que ele possa vir a dizer propriamente do texto primeiro, mas sobretudo pelo que ele pode mostrar da própria relação que o comentário efetua com o texto comentado. E é esta a relação que vegetti percorrerá ao longo de seu livro.³

A polissemia estrutural dos textos platônicos, e a relativa autonomia da tradução dos três diálogos especificamente políticos, ajudam a explicar a amplitude da gama de interpretações legitimamente possíveis, e estes, por sua vez, contribuem para melhor compreender a forma constitutiva irredutível do “fazer filosofia” por parte de Platão (p. 274).⁴

Por outro lado é porque o texto segundo, ou o comentário, estabelece uma relação com o texto primeiro, o texto comentado, que ele pode ser utilizado também como uma chave hermenêutica. Esta chave não abre efetivamente o “pensamento” de um autor, ela acessa um universo incorpóreo de discurso aberto pelo autor e que está em relação com o sentido do discurso efetivamente grafado pelo autor.

Daí porque o erro, propriamente dito, deva ser procurado em outro lugar. E este é mais um lugar fenomenológico que hermenêutico. É uma certa *disposição* que o comentário estabelece em relação ao texto comentado que constitui o erro propriamente. Consistindo esta disposição em um *intuito* de esgotar toda a superfície do *tópos* do texto primeiro. Tal pretensão é aparentemente satisfeita na medida em que o comentário percorra a série de enunciados (termo a termo) que constituem o *tópos* analisado. Contudo Vegetti nos mostra, em seu livro, que esta série pode ser percorrida por diversos paradigmas e de múltiplas formas, dentre as quais a leitura operada por este ou aquele comentário é apenas uma de muitas, uma de uma pluralidade possível.⁵ Este é, por exemplo, o cerne de sua crítica a Hegel (p. 82) que ao comentar a *República* a desloca do seu domínio próprio (que é um lugar de alteridade, ou o lugar do Outro) para aquele concernente ao seu (próprio, de Hegel) entendimento da filosofia (pp. 73-82). O erro das leituras se encontra na pretensão que instituem de abarcar por completo uma série aberta ao infinito. Quando Hegel, dentre outros, identificam no texto primeiro *um certo* sentido, eles excluem simultaneamente todos os *outros* sentidos abertos pelo texto primeiro, e o texto segundo passa a edificar e solidificar a imagem do primeiro, o que poderia não ocorrer, mas que em geral ocorre,

3. Vegetti propõe, penso, um certo projeto hermenêutico no qual o pensamento filosófico, no nosso caso o de Platão, “não pode ser reduzido [grifo meu] a um sistema unívoco de significados” (p. 273).

4. Grifo nosso.

5. “É certo, todavia, que cada decisão demasiado drástica que reduza [grifo meu] a filosofia de Platão ao quadro de uma opção exegética exclusiva corre o risco de ser viciada por um preconceito do intérprete” (p. 272).

quando Hegel escreve que o objetivo da República é das griechische Staatsleben, ou o Staatsorganismus, que Platão é intérprete do "Geist vivo nele como no Volk da Grécia", da "substância ética do povo" como "todo vivo orgânico [eine lebendig organische Ganz]", ele inscreve o pensamento político de Platão, mesmo independentemente das suas intenções, numa rede conceitual que condicionará por muito tempo quer a sua interpretação, quer a gama de avaliações contrapostas (p. 82).

Se cada comentário, ao recortar um certo *tópos* a partir de uma posição particular no interior de um paradigma, estabelece uma relação com o texto primeiro evidenciando nele um certo número de elementos e de relações, então é tudo isso que se perde quando um texto de segunda ordem específico recusa os demais em favor próprio. Mas Vegetti nos mostrará ainda um outro aspecto deste problema que o faz cunhar o conceito de "grau zero da hermenêutica" (p. 32) e que também participará decisivamente da articulação subterrânea de seu livro.

O comentário, ou texto de segunda ordem, não apenas evidencia, ou faz emergir, como afirmamos anteriormente, um certo número de elementos e relações do texto primeiro. O comentário também é responsável por promover a visibilidade de uma articulação específica entre os elementos que destaca do texto primeiro. Esta articulação longe de ser apenas a reatualização da articulação própria do texto comentado, ainda que jogue com aquela, é responsável pela construção de uma transversal entre os paradigmas primeiro e segundo.⁶ E esta transversal é uma das condições de possibilidade do comentário, e o que poderia vir a ser esta transversal senão, em certo sentido, uma tradução?

Mas o que pode ser esta tradução transversal senão um modo de interação dos dois textos que não se identifica com eles mas que efetua entre eles uma articulação? Mario Vegetti nos mostrou que esta transversal tem sido constituída, pela crítica do Platão político desde a antiguidade, pelos modos da:

1. alegoria (p. 62);
2. metáfora (pp. 62, 209, 211 e 237);
3. utopia (pp. 64, 194, 201, 205-7 e 257ss);
4. ironia (pp. 64, 194, 207, 209-11, 216 e 218);
5. comédia (p. 211-2) e
6. ficção (p. 263).

Todos estes modos de interação realizam uma operação sutil: deslocar a verdade do discurso platônico para o discurso que o comenta. Platão, nos dirá Vegetti, "parece demasiado importante para a autoconsciência da tradição intelectual e política Ocidental" (p. 275). A verdade de Platão, dado o conjunto das estratégias de assimilação, está "fora dele" (p. 276), se encontra, muito antes, "nas posições da modernidade" (ibidem). São elas que a colocam em jogo, a validam, a legitimam ou não. Em todo caso o Outro é silenciado pela tradução operada pela transversal; e se lhe ocorre permitir o pronunciamento é apenas para que esse discurso seja recolhido, e devidamente neutralizado pelo comentário. Trata-se, dirá Vegetti, de uma "estratégia de neutralização" (p. 275) do discurso platônico em sua "diferença radical" (p. 277), na "distância" (ibidem) relativa que mantém de nós. O projeto hermenêutico de Vegetti supõe, pelo contrário, que "distanciar Platão é, talvez, o melhor modo para o tornar mais uma vez interessante" (p. 283), "bom para pensar também as questões do nosso presente" (p. 277).

